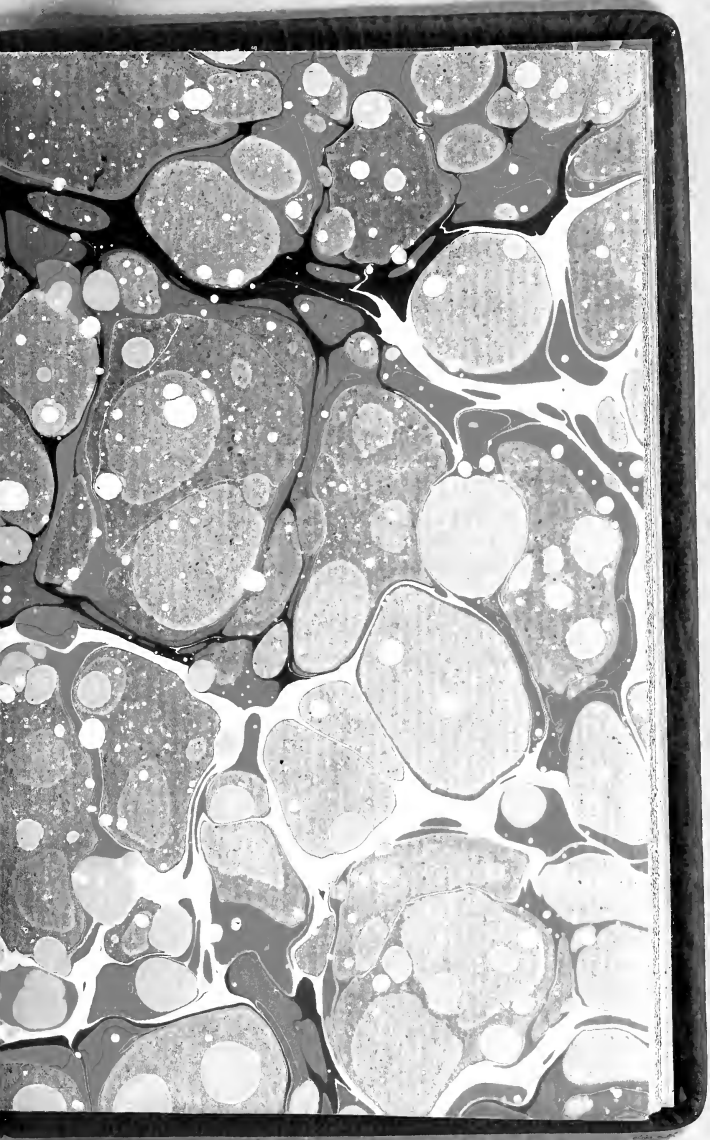
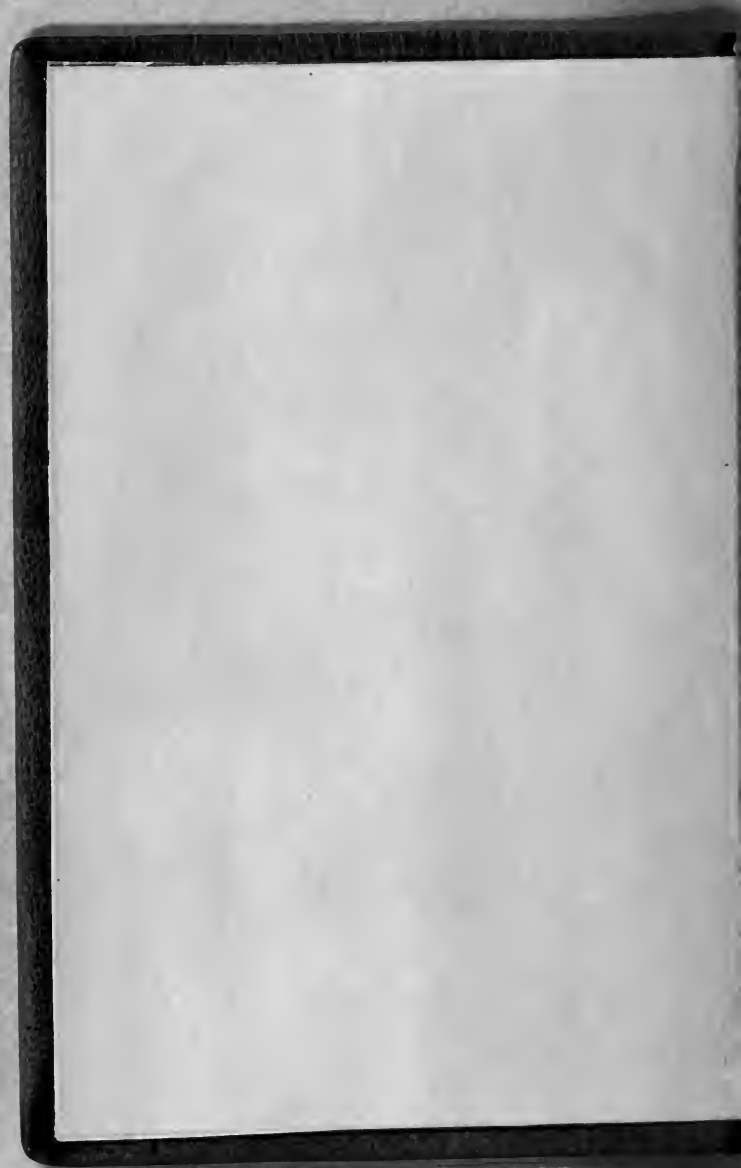


The book cover features a traditional marbled paper design with large, irregular, light-colored spots on a darker background. A central rectangular label with a thin black border contains the library's name and purchase information.

JOHN CARTER BROWN
LIBRARY

Purchased from the
Trust Fund of
Lathrop Colgate Harper
LITT. D.









DISCURSO
HISTORICO, POLITICO,
E ECONOMICO

Dos progressos, e estado actual da Philo-
zofia Natural Portugueza, acompa-
nhado de algumas reflexoens
sobre o estado do Brazil.

OFFERECIDO

A SUA ALTEZA REAL
O SERENISSIMO

PRINCIPE
NOSSO SENHOR

PELO

SEU MUITO HUMILDE VASSALLO

BALTHEZAR DA SILVA LISBOA

*Doutor em Leis pela Universidade de
Coimbra, e Oppozitor aos lugares
de Letras.*



LISBOA

NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES.

MDCCLXXXVI.

Com Licença da Real Meza Censoria.

Neque hæc studia tantum adolescentiam alunt, senectutem oblectant, secundas res ornant; (Cic.) sed unam quamque gentem eo magis cultam et civilem reddunt, quanto melius ibi philosophantur homines: (Cartes.) adeoque tunc Respublicæ sunt beatæ, cum aut Philosophi regnant, aut Reges philosophantur, (Plato.)



SERENISSIMO SENHOR.



Afabilidade com que V. A. R. costuma acolher os cidadãos applicados, amantes da Patria, me dá valor, para que prostrado aos Reaes pés de V. A. R. haja de apprezentar a V. A. este papel. Não he meu animo, Senhor, querer dar nelle planos, pelos quaes se conduzaõ alguns ramos interessantes do Estado; a mediocridade dos meus estudos, a pouca experiencia, que tenho dos negocios publicos, são fortes embaraços,

A ii

que

que me impedem avançar tão alto ;
porém o insaciavel dezejo de ser
util á minha Patria , e o azilo
que em V. A. R. achão todos os que
procurão ser uteis á Sociedade, me
convidaraõ a privar-me algum tem-
po dos estudos da Jurisprudencia , e
dedicar a V. A. R. as primicias dos
meus trabalhos.

O gosto, e attençaõ , com que
V. A. R. se applica aos estudos da
Natureza; o belo conhecimento, que
tem das maravilhosas obras do Crea-
dor , á perspicaz intelligencia das
necessarias produçoens do Reino , e
das Colonias, das uteis, e das que
são de mero prazer , tudo nos anun-
cia felicidades sem numero , que de
V. A. devem seguir-se ás Sciencias,
ás Artes, á Agricultura, ao Com-
mercio , e a todos os ramos de In-
dustria, que servem de mui fortes
columnas ao Estado. Desde agora os
fieis Portuguezes conhecem , e por
felicidade sua participão dos pre-
ciosos , e sazonados fructos , que V.
A. R. tem colhido da incansavel ap-
pli-

plicação ás Sciencias. Da Humanidade falo, que hoje caracteriza os mais celebres Monarcas da Europa. V. A. R. conhece, que as Sciencias só com muito trabalho se adquirem, por isso não despreza acolher com tão Real Humanidade, e boa sombra, aos que forcejaõ polas adquirir; antes como amorozo Pay os convida, e anima com exemplos dignos de tão grande Principe, a vencer as difficuldades, que poderiaõ afastalos de tão louvaveis empresas.

E porque o exemplo de V. A. foi o que me acendeo o espirito para entrar nestes estudos, saõ estas primicias, e amostras delles, tributo devido a V. A. e este humilde offercimento huma pura satisfação do meu amor, e da minha vassalagem.

SERENISSIMO SENHOR

Beija as mãos de V. A. R.

O mais humilde vassallo

Balthazar da Silva Lisboa.

DIS-



DISCURSO

HISTORICO, POLITICO, E ECONOMICO

Sobre os progressos , e estado actual da Filosofia Natural Portugueza com algumas reflexoens a respeito do Estado do Brazil.

§ I.



ENHUMA arte ou sciencia pode mais efficazmente contribuir para o bem commun, como a da Filosofia Natural. Antiguamente foi conhecida aquella parte, que mais dizia respeito a agricultura campestre, e pecuaria, a qual foi pelos Romanos levantada a ponto de consagrar-lhe cultos, pois que pela sua superstição ,
e

e politica fizeraõ existir Deozes , que prezidiaõ á cultura das terras ; os seus Supremos Magistrados com as mesmas maõs , com que victoriosos acabavaõ de arrancar coroas das testas dos Reis seus inimigos , volta-vaõ para o arado : daqui nasce dizer o grande Cataõ , que o maior elogio , que se devia dar a hum Cidadãõ Romano , era chamar-lhe Lavrador ; estabelicimento que Cicero (a) reputava pelo mais digno de hum homem nobre.

§ II.

F Irmava-se porẽm entãõ a agricultura dos antigos povos unicamente em huma serie de experiencias , que a diuturnidade dos tempos , fazia passar á evidencia : donde os seus

co-

(a) Omnium autem rerum ex quibus aliquid acquiritur , nihil est agricultura melius , nihil homine , nihil libero dignius. Cicer. de Offic. cap. 42. in fin.

conhecimentos a este respeito tinham sido mui limitados: porém he sem duvida, que aquellas applicaçoes mereceraõ particular attençaõ daquelles Principes, que conheciaõ, que dellas corriaõ perenes fontes de riquezas para o Estado: da hi veio a grande estimaçaõ, em que foraõ tidos aquelles vinte e oito livros de agricultura, que acharaõ os Romanos na tomada de Carthago, com os quaes prezenteavaõ aos Principes seus aliados, que souberaõ unir á virtude a alta dignidade, que possuiaõ; no que deraõ heroicos testemunhos Cyro o moço, Atalo Philopator, Hyeraõ, e outros louvados por Plinio, e Xenofonte.

§ III.

A Invazãõ, que fizeraõ os Barbaros na Europa, as desgraças, que daqui emanaraõ para todos os povos reduziraõ effes conhecimentos, taes quaes entãõ houveraõ, a hum
es-

estado funesto : parecia desde então ter a Natureza perdido toda a sua actividade, até que as luzes da Filozofia Natural fecundando os espiritos humanos de conhecimentos interessantes á Humanidade, fez que se vissem as importantes consequencias produzidas pela agricultura, considerada já como base da subsistencia, já por objecto de Commercio.

§ III.

SEguiraõ-se logo por tanto mui vehementes, e sensiveis cuidados dos Principes esclarecidos para a restabelecer, e animar: he por esta cauza que ainda hoje se ve solemnemente consagrado hum dia no anno pelo Imperador da China, para effeito de lavar com suas mãos certa porção de terreno, procurando por este modo animar, e augurar tambem a perene prosperidade dos seus Estados. Prática quasi igualmente o mesmo o Grande Imperador da Alemanha
Jo-

Jozé II. Não se corre o Príncipe de Osnabruc de cultivar elle mesmo o seu Jardim : e quem ignora quaes a este respeito foraõ, além de outros povos na França, os trabalhos de Francisco I., Carlos IX., Henrique IV., Luiz XIV. &c., e na Espanha principalmente Carlos III., e em Portugal além dos dos Senhores D. Dinis ; D. Fernando ; D. Manoel ; os do Senhor D. Jozé I., publicados em suas Leis e Ordenações?

§ V.

Houve pois sempre em todas as gentes da Europa mais ou menos gosto para os estudos da Natureza, e não só no que diz respeito á agricultura, mas em todas as mais partes da Filosofia Natural, as quaes afficadamente cultivamos, sendo constante da nossa historia, que neste genero haviaõ excellentes obras, das quaes faz menção Manoel Severim

rim de Faria na vida de Joaõ de Barros, como era huma historia Natural das plantas, e animaes do Oriente, feita por este Historiador, o qual continua desta maneira,,

„ Mais em lugar de Joaõ de
 „ Barros escreveu das dro-
 „ gas do Oriente o nosso
 „ Doutor Gracia d'orta com
 „ grande louvor, cujos li-
 „ vros são muito estimados,
 „ e andaõ traduzidos em
 „ lingoa Latina por Caro-
 „ lo Crusio, impressos em
 „ Amveri no anno de 1523;
 „ e depois outro discipulo
 „ do mesmo Gracia d'orta,
 „ chamado Cristovaõ da Cof-
 „ ta, natural de huma das
 „ nossas Colonias de Africa
 „ seguiu esta empreza mais
 „ largamente no Tratado
 „ que compôz em lingoa
 „ Castelhana das drogas, e
 „ medicinas do Oriente com

(7)

„ os retratos das mesmas
„ plantas, o qual no seu
„ Tratado do Elefante diz,
„ que tambem tinha escrito
„ outro livro de todas as
„ Aves, e Animaes da
„ Azia

§ VI.

T Ambem Barboza na Biblioteca Luzitana fez menção de XXIV. differtaçoens sobre a Historia Natural do Brazil, feitas por Caetano de Brito de Figueredo, e recitadas na Academia, que naquelle Estado instituiu Vasco Fernandes Cezar de Menezes, quando foi Vice-Rei. Apon-ta o mesmo Autor tres Historias naturaes do Brazil, manuscritas, hum do Pará e Maranhão por Fr. Cris-tovão de Lisboa, outra do Padre Diogo Soares, e outra de Nicoláo de Oliveira.

Al-

§ VII.

Alguns outros dos nossos Escri-
tores contaõ que Ignacio Colaf-
so de Brito fora Presidente da Junta
da Agricultura, e que entaõ com-
puzera cinco livros sobre o Patri-
monio Real, lizirias, e seus arren-
damentos, feitorias de linho canha-
mo em Santarem e Coimbra, para
haver enxarcia no Reino, e trezentas
tecedeiras na Commarca do Porto
para fazerem o velame para as náos.
Pelo que diz Manoel Severim de Fa-
ria nos seus discursos semelhante es-
tabelicimento foi feito pelo Senhor
Rey D. Manoel, e durou até os
nossos dias.

§ VIII.

DO que he manifesto, que até
o Reinado principalmente do Se-
nhor D. Manoel floresceu entre nós o
gosto da Filozofia Natural, ficando
de-

depois dezafortunadamente como sepultado pela perdição das Sciencias, e por isso succedeo, que começaraõ mais tarde estes conhecimentos a manifestar no nosso paiz (talvez por mais distante) suas brilhantes luzes , que aproveitadas em Inglaterra , França , Russia , Alemanha &c. fizeram a epoca da riqueza, do poder, e independencia de cada hum daquelles estados.

§ VIII.

N Aõ falando por tanto nos tempos do Senhor D. Manoel, e de alguns seus Illustres successores, que amando aquella nobre sciencia, enriquecераõ o Regio Erario de riquissimas, e raras produçoens da natureza, de que a mais precioza parte foi mandada pelos Felippes para á Espanha; referiremos o do Reinado do Senhor D. Joaõ V. no qual felismente se annunciaram entre nós os progressos da Filozofia Natural. Conservava aquelle

le Principe no seu Palacio hum riquis-
 simo Muzeu composto de ricas , e ma-
 ravilhozas produções dos tres Reinos
 da Natureza , possuindo entre todas as
 belezas , hum diamante de grandeza ,
 e valor até então nunca visto , achado
 na Ribeira *Milho verde* da Capita-
 nia do Cerro do Frio , que pezava
 doze onças e meia , avaliado em
 vinte e dois milhoens de libras ester-
 linas ; e entre a conchilaria , além das
 innumeraveis variedades de Amira-
 les , tinha o mais rico Almirante ,
 que se conhecia , comprador pelo di-
 to Soberano por 4000000 reis , o
 que tudo o infaulsto terremoto do 1. de
 Novembro de 1755. arruinou inteira-
 mente ; mas logo aquelle Preclaro Rey
 o Senhor D. Jozé I. entrou a formar
 outro novo Muzeu , com o seu Horto
 Botanico , em o qual teve por Inspe-
 ctor ao Sabio Wandeli meu Mestre ,
 que com a fundação dos novos estu-
 dos foi creado lente de Historia Na-
 tural e Chimica em a Universidade
 de Coimbra.

§ X.

C Onhecia-mos entãõ muitos homens Patriotas , cheios destes conhecimentos : de taes constava principalmente aquella Junta litteraria , que formaraõ os Estatutos da restauração das Sciencias , e os AA. do Compendio Historico ; dos quaes se servio aquelle Invicto Soberano para taõ magnificos estabelecimentos , que deviaõ produzir ao menos os mesmos fructos , que acompanharaõ os felices successos das Sociedades estabelicidas sobre as Artes uteis em Inglaterra , Irlanda , e muitos outros paizes da Bretanha ; Cantoens Suissos , Berne ; Toscana ; Dinamarca , e infinitas Provincias da Alemanha.

XI.

P Orem a pezar dos grandes estabelecimentos , que para á Sciencia dos conhecimentos da natureza

B fez

fez aquelle Immortal Principe , já
 mandando edificar soberbos edificios
 para os Gabinetes da Historia Na-
 tural e Fyzica , que sendo magestoza-
 mente preparados , representariaõ as
 importantes consequencias , que dahi
 fahiriaõ para á publica felicidade ; já
 creando com sabios Mestres , hum ex-
 emplar Prelado ; e assim tambem hum
 famozo Laboratorio Chimico , e hum
 espaçozo Jardim Botanico , para que
 espertassem a mocidade , e a convi-
 dassem a gostar as profundas dilicias
 de huma Sciencia , que sendo bem cul-
 tivada , decide da gloria da Naçaõ ,
 e da opulencia do Estado. Os effei-
 tos todavia naõ corresponderaõ , co-
 mo era de dezejar , á sua causa , ou
 pela novidade e incerto exito do es-
 tabelicimento , que a corrupção das
 Sciencias fazia persuadir novo , anti-
 gamente inaudito , e desnecessario :
 razao porque só os estudos da Juris-
 prudencia Civil , e Canonica , Theo-
 logia , e ainda a Medecina deviaõ
 fazer o alvo para se obter ás hon-
 ras ,

ras, o credito publico, e a sustentação; já por muitas outras razoes. Foraõ contudo sempre mui frequentadas as aulas da Historia Natural, e dos outros ramos da Filozofia, por que inculcando elles por si mesmo suas vantagens, attrahiaõ o animo de alguns mancebos patriotas á sua applicação; além de que influia o mais que podia ser o zelo do seu Reformador, movendo-os por huma parte, e dezarreigando por outra as preoccupações, que poderiaõ embaraçalos; de cujo zelo foraõ energicos testemunhos as sabias Representações, que fez a S. Magestade, já fazendo doutorar seis daquelles estudantes, que os Professores inculcaraõ por mais benemeritos; já insinuando viagens, que se deviaõ fazer dentro, e fora do Reino; já representado as conveniencias dos trabalhos da mina de Carvão de pedra de Buarcos, sustentados desde entaõ até hoje pelo inexplicavel zelo do Excellentissimo Ministro e Secretario de Estado

dos Negocios Ultramarinos ; já pondo em movimento o Laboratorio Chimico , promovendo tudo quanto era de promover , assim como a construção dos cadilhos , retortas , &c. , de cuja bondade se fizeram todas as provas na Regia Fundição ; e a purificação das argillas para se obter , como se obteve huma loiça melhor , que a ordinaria do Reino &c.

§ XII.

Distinguirão-se muitos estudantes , que supposto seguissem o objecto das outras sciencias , amavaõ com tudo as intimas rellaçoens desta ; taes foram o Excellentissimo Visconde de Barbacena , que descobrio muitos marmores nobres , e varias minas de ferro nos contornos de Coimbra ; Manoel Joaquim de Paiva , que pelas suas incansaveis applicaçoens foi creado Mestre do Laboratorio Chimico ; Estacio Gularte ; o Doutor Joaquim Velozo ; e o Doutor Alexandre Ferrei-

reira, e os companheiros das expedições Filozoficas Jozé da Silva Lisboa substituto das cadeiras de Grego e Hebraico pela Universidade, e hoje Professor Regio das de Filozofia e Grego na Cidade da Bahia, sua Patria; Manoel Luis Alvares de Carvalho; o Doutor Jozé Antonio de Sá; Joaõ Francisco de Oliveira; Jozé Bento Lopes; Antonio Ramos da Silva Nogueira; o Doutor Joaquim Jozé Ferreira; o Doutor Joaquim de Amorim e Castro, e varios outros.

§ XIII.

HAviaõ alguns particulares, que para mostrarem o seu gosto, e inclinaçaõ aos estudos da Historia Natural, tinhaõ pela continuacão de alguns annos ajuntado muitas produçoens da Natureza para enriquecerem os seus Muzeos. Naõ falo naquelles, que existiraõ no Reinado do Senhor D. Joaõ V., como eraõ o do
Con-

Conde de Ericeira (1) Vice-Rei da India; o do Conde do Assumar; (2) e o da Duqueza de Cadaval (3) da caza de Lorena; nem tambem no da Universidade de Coimbra, principiado pelo seu primeiro Reformador, e elevado pelo zelo do segundo ao maior ponto de grandeza, que se podia de-zejar; interessando-se e procurando o dito Reformador em todo o tempo do seu governo accrescentar novas riquezas aos dois Muzeos, de que se compunha o sobredito Gabinete, comprados ao Doutor Wandeli, e a Wandequi por aquelle Magnanimo Prin-

(1) Continha muitas coizas pertencentes á Historia Natural com huma boa colleção de medalhas.

(2) Continha quazi o mesmo no que pertencia á Historia Natural; era superior porém na colleção das medalhas, que era quazi toda de ouro.

(3) Conservava animaes de quazi todas as especies com huma grande collecção de Bezoars. Refere D'Argenville pag. 320. Tom. 1.

Principe o Senhor D. Jozé I. para doar á referida Universidade. Falo fim no do Excellentissimo Marques de Angeja ; no do Advogado Francisco Martins Sampaio : no do Confessor de El-Rei Nosso Senhor, que para acreditar o seu amor patriotico enriqueceo o seu Convento das grandes preciozidades, que unem os conhecimentos da Religiaõ ás necessidades do Estado. E para naõ referir alguns outros igualmente famosos, como o do Doutor Antonio Jozé Guiaõ; o do Conego Jozé Jacinto da Silveira; e os Conchiologicos de Mr. Rey, e de Joaquim Manoel da Rocha; e as magnificas colleçoens de medalhas do Excellentissimo Bispo de Beja, e do Doutor Joaõ de Magalhens; concluirei em nomear o mais famoso; qual he o Gabinete do Serenissimo Principe formado, e dirigido pelo Secretario de Estado dos Negocios Ultramarinos; o qual pelo adiante naõ envejará aos mais ricos da Europa pela multiplicidade, variedade, e raridade das
pro-

produçoens affim naturaes , como estrangeiras , de que se vai enriquecendo , que exaltaõ igualmente o zelo daquelle fabio Ministro Patriota , em quem esta Sciencia achou sempre mui particular amparo.

§ XIV.

LOgo que o Excellentissimo Bispo Conde tomou posse do seu Bispado , quiz que tambem nelle se conhecessem evidentemente os importantes fructos da Filozofia Natural , ordenando viagens Filozoficas por todos os terrenos das suas Jurisdiçoens: entaõ Coja , e muitas outras Villas , e lugares circumvizinhos descubrião a historia dos seus paizes , pelas descubertas , e differentes prescrutaçoens das minas de chumbo no valle da Garcia (1) ; Gandufo

(1) He huma galena mineralizada em excesso de arsenio , e enxofre , que na fuzão decompõem , e volatiliza muita parte

fo (2); Sernalhozo (3); Chaõ de Egoa (4); Val de Cabras (5); Piscaneco (6); Castanheira (7); e em varios outros lugares; Cobalto em Cavalheiros (8); Antimonio em alguns ramos do Affor (9) Oiro em varias partes, onde regaõ Zezere e o Alva (10); Cobre em Bottaõ

de chumbo, principalmente quando a operaçõ docymastica não he devidamente tratada com os alkales fixos; rende entaõ 50. por quintal. Apresenta esta galena as mais ricas, e particulares cristalizaçoens em differentes maneiras.

(2) Contem menos enxofre e arsenico; rende 70. por quintal e huma oitava de prata por arratel.

(3) Contem cobre e ferro juntamente. }

(4) Rende 6. por quintal.

(5) He superficial.

(6) Rende esta mina de chumbo antimonial 90. por quintal.

(7) He superficial.

(8) Rende 40. por quintal; contem muito arsenico, e enxofre.

(9) Rende 40. por quintal.

(10) O ouro he em pó, mas para as

taõ (11) e na Ribeira de Folques; (12) Molibdeno na serra do Carvalho (13); em Miranda do Corvo bitume schiftozo (14); ferro nos contornos de Coimbra (15; e em Pedrego (16) Ma-
xu-

montanhas do Zézere se encontraõ schif-
tos quartzozos, com veios de ouro de
30000. de valor intrinseco.

(11) He superficial da especie *cuprum
cotaceum*

(12) He da specie *flavum*, rende 30.
por quintal.

(13) He da specie *textura Kalibea*.

(14) Contem muita pyrites e flor de
ferro; de composto pelo acido vitriolico,
na cristalizaçaõ offerece a Capa roza; o
carvão pode depois ser aproveitado para
o serviço das cozinhas, ou para os for-
nos de telha &c.

(15) Rende 25. até 30. por quintal
á proporçaõ da maior ou de menor riqueza
dos bancos; he da specie *nigra solida tri-
tura rubra*. A falta de lenhas impossibilita
a extracçaõ

(16) Rende 50, 60, e mais por quintal
á proporçaõ das riquezas dos bancos. Os
denfos matos de cepas asseguraõ todo o be-
neficio da fuzaõ. Existem ainda hoje na

xuca, e Vendas de Maria, e por toda a Serra do Trovim, que no Ministerio passado foraõ contempladas, de maneira que só cessou a extracção pelas conveniencias, que inculcava a mina entaõ descoberta de ferro no Reino de Angola pelas suas riquezas, e denfos mattos: (a) enviando-se por essa occasiaõ os mais experientes Mineiros da Maxuca com alguns outros, que se mandaraõ buscar a Biscaia, cuja extracção teriaõ acompanhado as mesmas conveniencias, que mostraraõ a Inglaterra, a Suecia, e a Biscaia, suas minas de ferro, assim
pu-

Maxuca e Vendas de Maria as cazas com todo o trem do fabrico, e fornalhas, onde se fundia o ferro extrahido das ditas minas.

(a) Parece-me ser muito importante ensinar a fundir o ferro aos Pretos acostumados ao ar, e clima do paiz, e incumbir a alguma Junta de Comerciantes, que pagassem o quinto a S. Magestade, todo o cuidado, despezas, e beneficio da extracção.

pudessem os nossos supportar a ingratitude do clima , e com suas mortes não cauzasse parar huma e outra extracção , e seus fructos. Marmores nobres na Lagarteira (1); Ega (2); Soire (3) Lorvão (4) Bufarda (5);
Ta-

(1) Constaõ de huma cor roxa com differentes outras modificaçoens de branco, cinzento, amarelo &c. que formão differentes figuras, e paizes, que constituem os denominados marmores *pictorios*, dendriticos &c.

(2) São amarelos com veios de hum preto tirando para o cinzento, formão em alguns bancos horizontes com diversas sombras, figuras de montanhas, fortalezas &c. outros com dendritis; e matizados differentemente, outros com diversas cores.

(3) Contem muitas cores; a dominante porém he amarela.

(4) Constaõ de hum fundo tirando para o cinzento com quadrados, e manchas pretas; assemelhaõ-se aos marmores Africanos.

(5) Constaõ de hum verde cinzento com veios brancos *spathozos*.

Tapeus (6); Perdigota (7); Povia (8); Ferrarias (9) de cujos bancos se tem tirado muitas peças para bancas (a), Caixas; e para ás obras da famosa Cathedral de Coimbra.

§ XV.

Pelo mesmo tempo encarregou o Excellentissimo Senhor Arcebispo de Braga a Joaquim Vicente Pereira a viagem da Serra do Gerez, pelo que pertencia ás observações Filozo-

(6) Constaõ de pontinhos, e ocelos brancos, e encarnados, diversamente matizados.

(7) São os chamados marmores frumentarios.

(8) A mais dominante he a amarela com fitas roxas, e com varias outras côres; em diversos bancos, formando marmores pictorios.

(9) O fundo he amarello com muitas outras côres differentes.

(a) Com estas tem a Aug. Soberana cubertos os tremozes que ornaõ as salas do seu Real Paço da Ajuda.

lozoficas , e as Mathematicas ao Doutor Manoel Joaquim da Maia , que executaraõ com muito louvor , descrevendo os differentes bazaltes , e lavas Vulcanicas , de que està cheia a dita Serra ; como as suas aguas thermas ; as differentes cristalizações de quartzõs , porphiros spathozos ; spathos ; petrociles ; calcedonios ; poros igneos &c. cuja Colleção foi remetida pelo dito Excellentissimo Arcebispo , a seus Augustos Irmaõs , que tanto prezaõ estas Sciencias , pois foraõ os primeiros , que tiveraõ hum jardim Botanico de plantas exoticas.

§ XVI.

ENtre tanto se erigio na Cidade de Lisboa huma Regia Academia , composta da mais illustre , e illuminada parte da Nação , protegida pela Rainha N. Senhora , e pouco depois em Coimbra no lugar de *Celas* huma pequena Sociedade de mancebos patriotas , que desejando ser uteis á Pa-

Patria, se destinavaõ a trabalhar em os differentes ramos da Filozofia, para cujo effeito se dividiraõ em quatro classes, destinadas para com mais facilidade dirigirem as suas applicaçoẽs á Historia Natural; Agricultura; Artes; e Commercio para as quaes davaõ as horas, que lhes sobejavaõ dos outros estudos, e algumas furta-
das ao descanso. Fazia isto em pou-
co tempo ver taõ grandes utilida-
des, quantas aquella mocidade excita-
da do patriotismo, e emulaçaõ, se
enchia cada vez mais dos louvaveis
fins, a que se dirigiaõ, inculcadas
em muito belas reflexoẽs, acompa-
nhadas das mais uteis experiencias, ja
a respeito da tinturaria das lãas, do
Comercio, e agricultura pelos Dire-
ctores, e mais socios &c. A separa-
çaõ porẽm daquelles, que mais in-
fluaõ no seu augmento a fez logo
decahir, naõ subsistindo mais que
dois annos.

Foi

§ XVII.

F Oi a Real Academia sempre fazendo rapidos progressos , mui proprios dos membros , que a compunhaõ , e para promover a indagação da Natureza propôz annualmente em premio a discripção fyzica , e economica de qualquer terreno ; do que rezultou a prescrutação de muitos braços das Serras do Maraõ e Marvaõ ; descobrindo-se nestes as minas de antimonio e molibdeno , e infinidade de argilla *bolus* ; e naquelles ferro , chumbo , cobre ; antimonio : estanho (que tambem apparece nas vizinhanças de Vizeu , ou mais antes para S. Pedro do Sul , onde tambem ha alguns bazaltes) além de infinitas variedades de spatho. Viaõ-se montanhas cheias de grutas , fabricadas pelos Rómanos para a extração de minas , de que eraõ constantes monumentos as medalhas , e antigos fragmentos daquelles povos. Não fa-

falo na infinidade de marmores nobres de Cintra (*a*); Mafra (*b*); Alcantara (*c*); Montes claros (*d*); Minde (*e*); Estremos (*f*); Arrabida (*g*); Borba (*h*); Odivelas (*i*); Salema (*l*);

C

Al-

(*a*) Constaõ estes marmores de huma cor de verde cinzento com manchas brancas spathosas.

(*b*) Quazi o mesmo que o antecedente.

(*c*) He hum marmore spathozo com muitas cores de amarelo, rouxo &c., e differentemente maculozo nos diversos bancos e estratos.

(*d*) He spathozo de hum fundo negro com manchas.

(*e*) He maculozo, e pictorio em muitos bancos.

(*f*) He spathozo com muitas cores nos diversos bancos, branco maculozo, negro &c.

(*g*) Constaõ de muitas cores confuzamente, branca, preta &c.

(*h*) He spathozo amarelo com diversas cores nos diversos estratos.

(*i*) He hum marmore maculozo com muitas cores.

(*l*) Participa de varias cores.

Alqueidão da Serra (*m*); Porto salvo (*n*); Runa (*o*); Trigaxe (*p*); Beja (*q*); Tavira (*r*); Oeyras (*s*); Mourilena (*t*); Paradela (*u*); Bajouca (*x*); Caranguejeira (*z*); e de infinidade de outros preciosos de Viãlon-

(*m*) He de hum cor totalmente negra.

(*n*) He hum marmore maculoso cinzento com diferentes outras cores.

(*o*) Contem variedade de cores, que formão bem galantes paizes.

(*p*) He maculoso com diversas cores, dendritico, e nos diferentes estratos negro maculoso, cinzento &c.

(*q*) He maculoso dendritico.

(*r*) He negro maculoso. Variaõ muito nos mesmos estratos as modificaçoens diversas das cores destes marmores.

(*s*) He branco, maculoso, dendritico.

(*t*) He maculoso com variedade de cores.

(*u*) O mesmo quazi que o antecedente.

(*x*) O mesmo.

(*z*) He spatoso de hum amarelo desmaiado, tirando para cinzento. He o que mais a respeito destes marmores, constantemente tenho observado.

longa; Villa fria, Cascaes &c. colligidos por Julio Mattiazi para o Muzeu de sua Alteza Real. Não digo das curiozas, e particulares cristalizações para ornarem os gabinetes da Historia Natural, nem das plantas, cujas culturas interessã a Nação, como a Ruiva, que se dá nos contornos de Coimbra, e nos arenosos terrenos das Caldas, e em outros paizes; o lirio dos tintureiros; o sumagre; a grã; a de que se faz a Barrilha; o Salepe; e muitas outras, que spontaneamente crescem em o nosso continente, além das curiozas, que podem bem satisfazer o gosto dos Jardineiros Botanistas.

§ XVIII.

E Ra indubitavel, que deviaõ aquelles sublimes conhecimentos da natureza, fazer-nos evidentemente comprehender, o quanto elles tem influído na conservação da vida fyzica dos Cidadoens uteis, que pela

impericia dos medicos seriaõ affacinados; a pezar de que elles geralmente naõ tem para esta parte mostrado o extremo das suas inclinaçoens: se bem que na Real Academia das Sciencias tem apparecido mui importantes Memorias de Manoel Luis Alvares de Carvalho; de Jozé Henriques de Paiva, e de alguns outros habeis Medicos, concernentes aos estudos Fyzicos da Natureza, ainda que a todos tem excedido Manoel Joaquim Henriques de Paiva pelos seus trabalhos litterarios, que depois de serem apresentados e aprovados pella Real Academia, foraõ parte destes, e alguns outros impressos, e publicados, como saõ os seus Elementos de Chimica; sua Farmacopea Lisbonense; as taboas Zoologicas das especies dos Animaes; o Directorio para se saber o modo, e o tempo de administrar o alkalino volatil nas affixias, mordeduras, afogados &c.; O Conservador da faude, ou aviso ao Povo a cerca dos perigos, que lhe importa
evi-

evitar , para conservar-se em faude
&c., e muitas outras.

§ XVIII.

E Não fô fizeram ver suas rella-
ções com a conservação da vida
fyzica, mas a da moral pela Bonda-
de publica; quem, sem ser insensível
á Razaõ, deixou de admirar, e conhe-
cer a necessidade de se reanimarem
os interessantes ramos de industria, que
se exercitaraõ no Real Castello, on-
de em virtude das leis da Policia se
mandaraõ recolher aquellas gentes,
que sendo inuteis ao Estado pelo de-
ploravel estrago, a que se achavaõ
pela pobreza, e miseria reduzidos,
importunamente mendigando aqui e
alli, quando não attacavaõ a vida, e
a fazenda, de quem imploravaõ so-
corro, e abrigo: cheios já de indus-
tria, sacudindo o jugo fatal, em que
jaziaõ, mostravaõ, o quanto podia
nelles obrar a boa policia, converten-
do-os de Cidados inuteis, e pre-
ju-

judiciaes, em uteis, e necessarios á Patria, para promoverem a sua gloria

§ XX.

Vio-se tambem em consequencia da applicação daquelles conhecimentos estabelecerem-se fabricas de panos; esguioens; loiça; xita; polvora &c.: extender-se o nosso commercio, exercitado por pessoas instruidas até com os ultimos grãos da Universidade; e assim progressivamente se illuminaraõ muitos corpos de industria.

§ XXI.

Não falo naquella taõ sublime rellação, que se dirige a mostrar, de huma maneira a mais efficáz, os conhecimentos da Religiaõ, para que confundidos os espiritos temerarios, seja manifesto a todo o mundo, quam immensa he a Sabedo-

doria; Grandeza; Bondade; Omnipotencia; e Providencia de hum Deos supremo, que adoramos.

§ XXII.

E Na verdade se estas sobreditas rellaçoens, sendo mais universalmente contempladas, fossem cultivadas, e executadas por todos os que mormente constituem a publica administração; como em consequencia dos progressos da Filozofia Natural, se não veria geralmente florente a agricultura; (a) polidas, e perfeitas as
ar-

(a) Quem vé a nossa agricultura em todos os generos, em todas as terras, e em todas as povoaçoens, conhece exactamente o ponto do seu abatimento nos terrenos, e climas os mais apraziveis da Europa: sendo em consequencia a colheita dos generos a mais miseravel, ainda naquelles, que constituem as nossas riquezas, como principalmente são os vinhos, azeites &c. Todas as vinhas são maltratadas sem preceder o exame na

artes; augmentada a povoação; firmes os estabelecimentos das fabricas; em

escolha das que são boas, para na fermentação se obterem os mais generozos vinhos, e por consequencia as mais es-pirituozas agoardentes; succedendo carc-cermos dos de fora do Reino, que nos introduzem os estrangeiros tão falsificados, como inficionados pelas differentes misturas de alguns outros corpos heterogeneos, de que participão principalmente os vinagres, fabricados com pimenta, zenfibre, saes metalicos &c.; o que tam-bem nos nossos se tem observado, ou por incuria, ou por malicia. Mas graças á Policia, foraõ estes damnos acautelados na prohibiçãõ dos vinagres estrangeiros: e a Academia Real das Sciencias para o melhoramento da cultura das vinhas tem proposto hum Programa, de cuja execuçaõ hade nascer toda a utilidade, que se dezeja. Os mesmos inconvenientes acontecem na cultura das oliveiras, das quaes já mais se esperou conseguir fructos, senão depois de longos annos, quando por huma industrioza cultura em dois se deve alcançar. Até agora o azeite foi feito sem arte, e se não aprovei-

em huma palavra , como não seriaõ os homens mais amigos da humanidade ! Não profanariaõ certamente com tanta frequencia o Sagrado da Religiaõ, e o da Ordem publica.

Pa-

rava tanto , quanto devia ser. Já hoje o Excellentissimo Martinho de Mello e Castro tem pelas suas experiencias, e observaçoens feito na sua quinta hum excellente azeite. Sobre este artigo tem a Academia mui excellentes memorias , como a de se fazer o azeite do Doutor Dolabela. Donde he de esperar dos cuidados economicos da sobredita Academia sobre a cultura das terras , que muitas Provincias , principalmente as do Sul de Portugal , pelo exame , que actualmente fazem alguns Socios , sobre a sua organização , e constituição fyzica , recolhaõ mui preciosos fructos. No que poderá muito ajudar o zelo dos Magistrados , que instruidos dos seus deveres , fizerem conhecer aos povos a quella verdade , que elles não vem , senão com olhos fyzicos.

§ XXIII.

P Arece que por esta cauza os nossos supremos Legisladores requeriaõ nos magistrados aquelles conhecimentos , quando nas Ordenações do Senhor D. Manoel prescreveraõ aquellas taõ sabias Leis, que forão transcriptas para ás novissimas Filipinas na Ord. do Livro 1. tit. 58. § 43., e nas que constituem o Officio dos Vereadores, e em outras muitas. Elles advertiraõ , que para á boa economia dos Povos, e do Estado não era sómente bastante a Sciencia Juridica nos Magistrados , pois que ella tem, como mostra a experiencia, e insinuaõ alguns Politicos, multiplicado mil litigios com total ruina dos Povos., e do Estado; por cuja razão mandou o Senhor D. Jozé I., que os Estudantes Juristas versassem pelo menos as aulas da Historia Natural. He possuido talvez destas verdades, que o Intendente Geral da Policia, envia todos os an-

annos cartas encyclicas a todos os Magistrados , para promoverem a agricultura , e as artes , que lhe dizem respeito.

§ XXIII.

Porem a falta destes conhecimentos faz inuteis todas as providencias daquelle Magistrado , e da observancia das Leis do Reino ; succedendo por esta razã viverem quasi todos os povos inertes ; e serem suas povoaçoens , como as estradas publicas , asperas , e cançadas , que servem de constantes barreiras , para impedir toda a communicacão com os Povos , que devem entreter o seu commercio , para viverem na abundancia ; e daqui vem serem ordinariamente reputados os Magistrados na estimacão vulgar, não como Pais , e protectores da Justiça ; mas sim como inimigos. Se elles por tanto invertessem esse máo conceito dos povos , animando a sua agricultura , explorando a

na-

natureza dos terrenos da sua Jurisdição ; promovendo a povoação , e regulando-a por huma sábia , e prudente educação ; tendo muito em vista o nascimento , conservação , e educação dos filhos &c. ; como não teriaõ os nossos Augustos Soberanos a Historia Natural com a Moral e Politica de todas as suas Comarcas, Cidades, Villas &c. para nellas empregar o seu amor paternal, convertendo em paraizos, lapas ; em gentes uteis ao Estado, Povoações çafaras.

§ XXV.

E Que consequencias não seriaõ produzidas no vasto Continente da America á tres Seculos descoberto ? A Augustissima Soberana , que promove a felicidade dos seus Vassallos , dilatando a Gloriá do seu Reinado , tem já expedido Naturalistas para a exploração daquelles immensos terrenos , cujos fructos deverãõ fer taõ consideraveis , como pedem

tem o objecto da referida expedição.

§ XXVI.

COm effeito , se no tempo, que governava o Rio de Janeiro o Excellentissimo Marquez de Lavradio , poderaõ nascer das consequencias de huma Sociedade Filozofica a hi entaõ erigida , e por elle protegida, naõ menos prodigiosos fructos , que os de constituir aquella Capital mais industriosa , mais populoza , e mais florente ; que se naõ deve hoje esperar? He certo , que só depois de sua instituiçaõ foi , que a Academia de Stokolmo teve conhecimento das plantas do Brazil por hum selecto Hortario Brazilienfe , que lhe envia- raõ Manoel Joaquim de Paiva , e Jozé Henriques de Paiva : he naõ menos manifesto , que a esta Sociedade he que se deve a cultura do anil , coxonilha &c. Até entaõ se via hum Commercio taõ limitado , que dalli partiaõ os Navios a buscar carga á

Ba-

Bahia , e a Pernambuco para trazerem para o Reino : despois pelo contrario abundou até de generos novos , como principalmente arroz , anil , e café , que na verdade iguala ao de Moca.

§ XXVII.

C Omeçando pelo Reino vegetal , colheremos a maravilhoza spigelia , que tanto prezaõ os Mofcovitas , que a compraõ a pezo de ouro , por ser especifico remedio contra os vermes , que roem os intestinos daquelles povos Septrentionaes ; por cuja razaõ o Doutor Carlos Lineu escreveo ao Doutor Wandeli , assim por esta maneira : *Archiatři Petropolitani comparant sibi spigeliã meã , eaque curant stuppe vermes quoscumque ; dosi herbe venit ducato uno . Tu , qui habitas in Lusitania , cui parent Brasilia , ubi spontanea posses comparare ingentem copiam , et vendere summo lu-*

lucro per Europam; emptores nunquam defficerent, nec potest cum lucro in hortis coli, cum fervidissimum expetit cælum: hac sola posses tibi comparare thesauros.

§ XXVIII.

JA felismente tivemos esta planta no Real Jardim, conservada pelos cuidados de Julio Mattiazi, insigne Botanico, e amante das produçoens da natureza; ignoramos, que nome obtem no Brazil, que deve sem duvida discubrir-se nas observaçoens Botanicas do paiz. A facilidade de ser apanhada nos campos, logo que for descuberta; a commodidade de a transportar feca; as ventagens, que della veriaõ ao commercio, como inculcão as palavras assima referidas de Lineu, nos fazem ver a necessidade da Botanica neste paiz, para á descuberta, e cultura daquella maravilhosa planta.

Mui-

§ XXVIII.

Muitas outras inteiramente ignoramos ; sabemos sim, que os Indios conhecem immensas, que servem de especifico antidoto contra innumeraveis enfermidades ; da qui he, que a Humanidade tem recebido tantos bens com o Balfamo Peruviano ; o de Cupaiva : a Salsa parrilha ; a Ipicacoenha ; a Contraherva ; a Jalapa ; a Capiá ; (e prezentemente receberá da Quina de Pernambuco) ; e de infinitas outras contra o mal venereo , e para vomitorios , febres podes , gangrenas &c.

§ XXX.

SUposto seja unicamente a Holanda , que possua a Canela , o Cravo , a Nosnocada , para fazer taõ grosso commercio em beneficio da companhia Holandeza ; quem como nós poderia adiantar este ramo de Comercio.

mercio, visto que o nosso continente he capás de produzir os referidos generos? Quem não sabe que a Canela se dá bem em S. Thomé, e no Brazil, suposto seja pela indifferença, com que he tratada, inferior à fina de Ceilaõ? O Cravo de Maranhaõ só na figura differe do de Molucas. A pimenta tambem se dá bem na Bahia, onde ainda hoje se conserva hum pimenteira no Hospicio da Senhora do Pilar, que produs infinitamente, ainda que com effeito he pela falta de cultura mais miuda que a da Azia.

§ XXXI.

C Onsta das nossas Historias termos possuido todas aquellas drogas naquelle Continente, exportadas da Azia, que foraõ arrancadas por hum Lei politica do Senhor D. Manoel. E não só tivemos muitas produçoens das da Azia, mas ainda as de Europa, pois se acha no Padre Vascon-

D

ce-

cellos na sua chronica que haviaõ excellentes Uvas no Rio de Janeiro , Santos , S. Vicente &c. , dizendo o citado A. que se podiaõ colher todos os mezes , se em todos fossem as vinhas podadas , e cultivadas.

§ XXXII.

M As hoje que naõ possuimos aquelles fructos dos trabalhos dos nossos antepassados como entaõ, seria de dezejar que se aperfeioassem aquelles que possuimos. A antiga cultura do assucar tem acazo a perfeiçaõ dezejada? O nosso he muito inferior ao de fora , e contem huma menor cultura. Quem crerá , que os Ingleses na sua Cafra do anno passado tivessem 1 : 498 , 867. quintaes de assucar ; e nös com os mais fecundos terrenos , e saudaveis climas , apenas podemos fazer 300. caixas , que reputando-se a 50. arrobas , (que nunca lá chega) constitue o total de 1 : 5000. arrobas , de que a maior parte

te consta de affucar mascavado ? He de crer , que a grandioza manobra , e trem das caldeiras (a) das nossas fabricas embarça haver huma maior cultura , que podia ser promovida , havendo facilidade e comodidade de cada hum particularmente poder fabricar o seu affucar , o qual não he outra coiza , senão o sal effencial da cana , reduzida a massa concreta por meio do cozimento , e cristalização ; em cuja operação se devem attender algumas circumstancias , que todas consistem em reduzir a conveniente proporção o oleo , o acido , e a terra absorvente por intermedio das

D ii

caes ,

(a) Podem bem suprir as caldeiras de ferro as de cobre , ao mesmo passo , que será muito comodo aos lavradores pobres , e ainda aos ricos servirem-se deste unicamente para o fundo , ou foco da Caldeira , e compor o restante de pastas argillozas , que com outras differentemente misturadas , e preparadas formariao excellentes vasos para o serviço da fabrica.

caes , e cinzas ; porque a terra abforvente da agoa da cal , e o alKale fixo extrahido das cinzas , iriaõ fenhorear-se do acido superabundante do assucar , até que naõ o encontrando mais , agitariaõ sobre o oleo excessivo , formando hum composto sabonozo , que no extremo calor vem á superficie da caldeira com as mais partes crassas , que se devem logo cuidadosamente tirar com a escumadeira. E porque as cinzas quentes podem communicar hum gosto empyreumatico ; o mais prudente seria uzar da lixivia fria com a agoa da cal filtrada , e evaporada ao fogo. He necessario fugir de empregar nesta operaçaõ , como mandaõ alguns artistas , o antimonio , porque este , como diaforetico , pode communicar ao assucar qualidades heterogeneas , das quaes podem nascer perniciosos effeitos. Segue-se a purificaçaõ , que por meio da clarificaçaõ facilmente se deve obter ; he desnecessario falar da refinaçaõ , e seus methodos , prescriptos

na

na Encyclopedia no artigo *Sucre*, por vedarem-na nestes paizes as nossas leis. Mas a necessidade deste genero, visto que com elle se faz na Europa hum taõ grande commercio, ao mesmo tempo, que ninguem melhor do que nós o podia exercer, possuindo nestes paizes immensas lenhas, fará com que aquella prohibiçaõ seja pelo diante restringida, e mesmo cassada pela Rainha Nossa Senhora.

§ XXXIII.

A Irregularidade, e má construcção, e direcção das fornalhas embarça tambem haver huma maior cultura. He incomprehenfivel a immensa quantidade de lenhas, que inutilmente consome a factura do assucar pela construcção das suas fornalhas, pois que para huma carrada de cana, se requer outra de lenha. A boa construcção dos fornos de Reverberio sanaria este mal, que cauza gravissimo prejuizo aos lavradores

res e Senhores de Engenho, vindo a succeder que aquelles, que não possuem grandes matas, não fabriquem assucar, e os que as possuem, pelo diante deixaõ tambem de trabalhar os seus Engenhos pela falta de lenhas, pois assim o confirma a experiencia.

§ XXXIII.

O Ignorarem ainda aquelles povos o gráo de fogo, que devem applicar para o cozimento do seu assucar, faz tambem, que não fabriquem aquella quantidade, que deveriaõ fabricar, porque o calor maior, que applicaraõ fez queimar os principios essenciaes do assucar, ou o mesmo assucar, e tem formado aquella calda empyreumatica, a que chamaõ melasso, que sendo sua abundancia maior, ou menor, o assucar he mais, ou menos claro. Como porém se applicaõ estes melassos para aguardente, os lambiques destillatorios devem ser mais bem destinados, do que são,
pa-

para se tirar aquella conveniencia, que devem, quando as aguardentes tem subido a hum taõ alto preço.

§ XXXV.

A Falta de economia, e direcção dos trabalhos dos pretos, não cauza pequeno prejuizo, cujos danos devem ser reparados, se a Meza da Inspeção com sabias e prudentes providencias der aos lavradores a instrucção de que carecem para a boa cultura dos seus generos, animando, e protegendo seus trabalhos.

§ XXXVI.

N Aõ toco na cultura do algodão, se acazo sendo maior, e manufacturada, haja de constituir hum novo, e mais poderozo ramo de industria, e commercio, entretendo, e diminuindo huma grande parte da ociosidade, substituindo este trabalho, ao que exercitaõ as negras, e
mu-

mulatas em seus inuteis bordados. A Europa toda tem aprovado o gosto de semelhantes manufacturas , introduzindo milhares de fabricas ao modelo das da Azia. Não digo da cultura do arroz com os engenhos de o descascar. Não falo na ferragem das madeiras por Engenhos , que devem poupar os longos , e peniveis trabalhos dos pretos em tantos dias , para mais utilmente serem em outros empregados , porque cada hum destes artigos haõ de entereçar as vistas , e cuidados patrioticos da Meza da Inspeção , e dos Generaes , e Magistrados , que naquelles continentes tem a honra de servirem a Sua Magestade.

§ XXXVII.

E Como he praticada a cultura das terras ? O mais miseravelmente que he possivel imaginar. Desconhecesse o uzo do arado , e charruas ,

ruas; (a) porque dellas não uza-
raõ os antepassados. He exercitado

O

(a) A cauza que me parece demon-
strativa do defuzo do arado, he a que
se segue, representada pelo Excellentis-
simo Vice-Rei do Estado o Marquez do
Lavradio a seu successor nas palavras se-
guintes „ Para melhor intelligencia de V.
„ Excellencia a respeito do pouco cuida-
„ do, que tem devido aquellas Provincias
„ aos que as tem até agora governado a
„ respeito do seu augmento em Agricultura,
„ Commercio, e Navegação, lembro que
„ tendo o Senhor Rey D. João V. que santa
„ gloria haja, mandado immensidade de
„ instrumentos, como enxadas, arados,
„ picaretas, e outros instrumentos seme-
„ lhantes, para se repartirem pelas gen-
„ tes pobres, a fim de poderem abrir,
„ e cultivar as terras, se executou is-
„ to por tal modo, que havendo im-
„ mensa pobreza em todas aquellas Pro-
„ vincias, sem terem meios, para se em-
„ pregarem na Agricultura, se conservou
„ nos armazens, a que S. Magestade ti-
„ nha mandado, repartindo-se só por al-
„ guns poucos afillhados, alguns dos so-
„ breditos Instrumentos, e o mais apo-

o trabalho pelos miseraveis escravos , que mal educados , nus , tyrannizados , mortos muitas vezes de fome , como haõ de enteressar nas fortunas do Senhor ? Huma melhor educaçaõ , e tracto dos servos pode prosperar a agricultura do Brazil , e deve formar mui interessantes Capitulos das Leis moraes , e economicas , pelas quaes se produziriaõ necessariamente maravilhozas consequencias.

§ XXXVIII.

D Eve-se em I. lugar geralmente estabelecer o uzo de cazar os escravos , por quanto os penhores da mulher , e filhos os ligaraõ estreitamente na familia do Senhor , donde naõ dezejaraõ fahir , nem entaõ já mais

„ dreceo , e se encheo de ferrugem nos
 „ armazens , a onde na Ilha de Santa
 „ Catherina o acharaõ agora os Castelha-
 „ nos , e no Rio grande de S. Pedro ain-
 „ da á muito pouco tempo lá se achavaõ.

mais profeguiriaõ nos crimes , e excessos das paixoens sensuaes , e em muitos outros , que frequentemente praticaõ. Verse hiaõ as crias com mais decoro das familias , as quaes sendo acostumadas a ver os seus Senhores com amor e respeito , a quem seus Pais igualmente servem , amariaõ servilos , e lhe augmentariaõ suas riquezas. Esta sorte de escravidãõ não será offensiva á Humanidade , se olhando os Senhores para á propria economia (quando não attendaõ para os deveres , a que os impelle a Religiaõ) os tratarem com moderaçaõ , e não nos criminozos excessos , de que abuzãõ a mais grande parte. Não falo na indispensavel obrigaçaõ de os fazer instruir nos vivos sentimentos da Religiaõ que adoramos , porque he evidente , que amando , e temendo a Deos , seraõ fieis aos seus Senhores.

Naõ

§ XXXVIII.

NÃO he menos consideravel a maneira, com que se deve prover á sustentação: practicaõ ordinariamente os Senhores de Engenho concederem a cada escravo o dia do Sabbado, para que consigaõ pelos trabalhos, que nelle exercerem, a sua sustentação, e vestuario. Donde se deve ponderar, havendo respeito á moral, e á economia I. *Se o trabalho de hum dia sómente he bastante para manter hum escravo toda a semana? E se for bastante II. pela nimia fertilidade do clima, se deve o Senhor assim obrar, ou de per si prover, como inculca o Senhor Labat, na sustentação dos seus escravos?* He certo, que elles de ordinario incluem no Sabbado o Domingo tambem, violando sempre por necessidade a sanctificação deste preceito; e isto, os pretos briozos, que os outros só por elles esperaõ para passarem ociozos, em-

embriagados &c. nutrindo os vícios da sua natural frouxidão.

§ XXXX.

P Arece ser por tanto aquella constante pratica mui alheia da humanidade, e menos capás de reduzir os escravos a serem amigos, e fieis aos seus Senhores; que succederá sem duvida sendo mais humanizados, sem faltar-se nada á sua conveniente conservação; desterrada a nudez em que vivem; e conduzidos em fim por huma boa moral e prudente economica dos Senhores, ao ponto desejado, de que elles cuidem com gosto no aproveitamento, e comodidade dos seus Senhores.

XXXXI.

O Uzo do arado, e charruas, trabalhadas pello Senhor Tul deve sem duvida convir a aquelles fortissimos terrenos, denominados *mas-*
sa-

sapê; cujos trabalhos se devem exercer por bois, ou Cavallos antes; porque quatro destes lavraão em hum dia tanta porção de terreno, quanta doze bois.

§ XXXXII.

P Affando ao Reino animal veremos, que he o Boi capaz de produzir não sómente a carne, e o coiro, como tambem o que se deza-proveita, isto he as manteigas (*a*) que-

(*a*) A factura da manteiga se redus unicamente a extrahir a nata do leite, que deitaremos em hum vazo de madeira conico, o qual he na baze mais largo, e na boca mais estreito, que os Francezes chamaão *Baratte*: he cuberto com hum capacete furado no meio, por onde se introduz hum páo, que termina com hum prato igualmente de madeira, cheio de buracos, com o qual se trabalhará a nata com hum pouco de leite fresco, que se lhe ajunta. Logo que se sente a nata congelada, se tira para fora com

queijos &c. segundo praticaõ a Irlanda, Holanda, e outros paizes do
Nor-

huma colher limpa a manteiga, que está formada, e então se deve lavar bem, até que na agoa sennaõ veja nada laitozo. Logo se deve estender sobre huma taboa limpa, e se pulveriza com sal, e com o mesmo se amassa, e com huma camada de sal da parte inferior, e outra superior se embarrica. A que se chama de prato não se amassa com sal. Tambem para á sua conserva se funde a manteiga a hum fogo moderado, e com a escumadeira se tira toda a escuma, e partes crassas, e amassada com sal se embarrica. Para haver boa manteiga, he necessario que o leite seja bom, o que depende dos bons pastos, que naquelles continentes se não podem appetecer milhores. O leite deve ser coado por hum pano limpo, e as vasilhas, em que for posto para se formar a nata devem ter pouca altura, e o fundo truncado. Como os ardentes calores podem corromper o leite, e embarçar a extracção da nata, será necessario, que hajaõ subterraneos para se conservar o leite sem alteracção nos tempos do calor immoderado. E melhor se pode

Norte ; que a seu exemplo nos estimulaõ a cuidar-mos daquelles generos , dos quaes nenhum cazo até aqui fazemos , pois que apenas nas grandes Cidades se vende algum leite fresco ; e se fazem nos Certoens e Aldeas hum pequeno numero de queijos ; do que succede fer-mos obrigados a mandar ir da Europa immensa manteiga , e queijos para engrossar o ramo do commercio dos Ingleses , Irlandezes , Holandezes , os de Milaõ , Chypre &c. com os quaes an-

ver neste artigo o Corpo das Artes ultimamente impresso pela Rêal Academia das Sciencias de Pariz , e o Tractado de Scokio *De butyro et averseione casei*. A maneira de se fazerem os queijos he mais trivial no Brazil ; o leite que resta da nata cozido , dá a massa do queijo , que conforme for o seu trabalho , assim será na bondade o queijo. As Capitancias do Sul , e as Minas no-los subministraõ excellentemente preparados , iguaes na bondade aos do Norte ; suposto que pela limitada porção não constituem ramo de commercio ; e he sensível , que fornecem-

annualmente despendemos para cima de trezentos contos de reis.

§ XXXXIII.

E Como se aproveitaõ as carnes, e os coiros? As peles, que vem para o Reino com o nome de Vaquetas, sãõ taõ más, que não servem para o calçado no Inverno pela sua porozidade, e falta de consistencia, e solidez; e sãõ além disso muito pequenas: o seu uzo mais frequente consiste em arreios, e coizas deste genero; o que procede I. de não serem bem curtidas; II. do costume de se matarem, logo que se quer completar certo numero de coiros, bois, vacas, bezerros indistinctamente: sendo consequencia disto a diminuição

E do

do os fertilissimos certoens de Pernambuco carne seca para todo o Brazil, façãõ apenas alguns queijos mais, quando se servem do leite a todas as horas, até em lugar de agoa, e dando-se mesmo aos Caens.

do gado , e a má qualidade dos coiros ; acrefce ainda que como o gado anda todo junto vacas , bezerros &c. concebem aquellas antes de terem vigorozas forças , e deſtróem-fe eſtes pelo cio em que entraõ fora de tempo , ſendo fracos os animaes , que naſcem ; e por conſeguente os coiros mais pequenos , e de menos valor.

§ XXXXIII.

AS carnes ſecas ſão deſgoſtozas ; cozidas ſe deſfazem em fibras á maneira de eſtopa ; ſendo ſalgadas de ſalmoira , ou curadas de fumo , como praticaõ os Holandezes , não ſeriaõ muito melhor reputadas com maior conſumo para formar hum novo ramo de Commercio , exportando ſe para o Reino para o ſerviço das armadas , excuzando eſte ramo do Commercio dos Inglezes Holandezes , em que deſpendemos para cima de 20. contos de reis ?

§ XXXXV.

T Ivemos a fortuna de merecermos aos infatigaveis cuidados do Senhor D. Jozé I. o estabelecimento de fabricas de pentes , caixas , botoens de tataruga : com tudo vamos ainda hoje comprar aos Francezes , Castelhanos , Genovezes , Napolitanos os sobreditos generos já em cru , já manufacturados. Vende-se ordinariamente a tartaruga a 2400. reis o arratel, porem esta pescaria não sómente está pouco adiantada no Brazil, mas até se acha, como he tradição, arruinada.

XXXXVI.

A Bundaõ os certoens de veados , que lá mesmo constituem hum pequeno ramo de Commercio ; mas como são a todo o tempo indiscretamente mortos , pelo diante seraõ mais raros.

Con-

XXXXVII.

COntem as Costas muito peixe desde Outubro até Março , que dezaparece com a chegada das Baleias , e por isso necessitaõ para á Quaresma de Bacalhau , que vai de Portugal ; a pezar de que os pescadores dos Ilheos , e Porto Seguro levaõ á Bahia em suas barcas muitas *garoupas* , *meros secos* , e *verdes* ; assim como os de Santos ao Rio de Janeiro *enxovas* , *tainhas* &c. , e outros a outros portos para o sustento dos escravos , e gentes pobres : porém o mal falgado , o ranço , que conservaõ da má preparação , obriga a naõ entrarem na meza dos ricos. Donde podendo aquelles povos fazer mui grandes pescarias ao longo de todas aquellas prodigiozas Costas , e prepararem devidamente os seus pescados , como fazem os Holandezes com os seus Arenques , e os Inglezes , e Francezes com o Bacalhau , cujos pesca-

cados não são certamente mais laborozos, que os de que temos feito menção : que aproveitando muito pouco a sua pescaria, obrigaõ a Portugal a não poupar tão grandes somas na compra do Bacalhau.

XXXXVIII.

N Aõ devo omitir a cultura da coxonilha, que faz hum dos mais poderozos ramos das riquezas de Espanha. O Marquez de Lavradio foi o primeiro que tentou introduzila no Brazil, a pezar de que muitos negavaõ a sua introdução, porque se fecavaõ as Figueiras, logo, que se lhes impunha o insecto; mas não advertindo, que isto procedia por não estar ainda a planta vigorosa, pois que o contrario mostraraõ as experiencias a este respeito praticadas no Rio de Janeiro, sobre o que existe huma famosa memoria de Jozé Henriques de Paiva, anotada por seu

feu Irmaõ Manoel Joaquim de Paiva, intitulado *Historia do descobrimento da coxonilha*. Em virtude do que mandou o Vice-Rei, que entaõ era o sobredito Marquez do Lavradio, transportar de Santa Catherina muitos caixoens da planta, onde se cria aquelle insecto para a fazer familiar no Rio de Janeiro; merecendo tudo a approvaçaõ de S. Magestade, que mandou promover aquelle ramo de industria, comprando aos lavradores toda quanta cultivassem, que o dito Vice-Rei arbitrou por 40000 o arratel, ella ainda naõ teve maior adiantamento; mas he evidente que se a exemplo dos Espanhoes for a dita cultura entregue aos nollõs Indios a troco de agoardentes, e varias bugiganças, que elles tanto prezaõ, formará sem duvida grandes fontes de riquezas para o Estado.

XXXXIX.

V E-se pois , quam poderoza ferá a agricultura daquellas vastas conquistas pela immensa fertilidade do terreno , creação , e multiplicação dos seus animaes ; suas ricas produções &c. , assim fosse desterrada a indolencia , e a inercia dos naturaes , e dos povos de Portugal , que lá vão buscar os seus estabelecimentos , e crescesse a industria popular , promovida , e animada pelos Generaes , e Magistrados daquelles Estados. Como não seriaõ convertidas entãõ as povoações a melhores uzos , e sensíveis os progressos da Filozofia Natural ?

L.

E Ntrando no Reino Mineral , que importantissimos objectos não admiraremos ? Leste no Padre Vasconcellos já citado a respeito da Serrania dos

Orgãos , que se algum dia merecesse os trabalhos humanos se confundiria com o Potosi ou o Perû. E na verdade , que riquezas não temos já admirado nas Minas ? Assim o seu trabalho para ser mais util , fosse dirigido por Magistrados Filozofos , como praticaõ as Naçoens industriasas , que possuem minas , estabelecendo Camaras docymasticas. E com effeito se hum dos nossos Magistrados , munido dos conhecimentos metalurgicos , cheio das doutrinas , e methodos dos Mineiros Alemaes , e os mais peritos da Europa , observando as experiencias , que os nossos mineiros sem instrução , tem feito arte , estabelecesse huma maneira facil , e a mais conveniente para os ensaios , e direcção da Mineralogia do paiz ; porque não perceberia o Regio Erario entãõ maiores lucros com a simultanea felicidade de tantos povos ?

§ LI.

HE de esperar, que os Naturalistas enviados por autoridade regia, hajaõ de fazer ver todos os portentos, que a natureza quiz occultar naquelles paraizos, onde parece, que em nenhuma outra parte do mundo, procurou manifestar tanto o seu poder. Mas naõ sei, se os Indios conciliados com brandura (*a*) e premios, podem fazer rezultar daquellas expediçoens maiores conveniencias ao Estado; maiores descobertas? a facilidade dos caminhos, e terrenos que se haõ de prescrutar; a

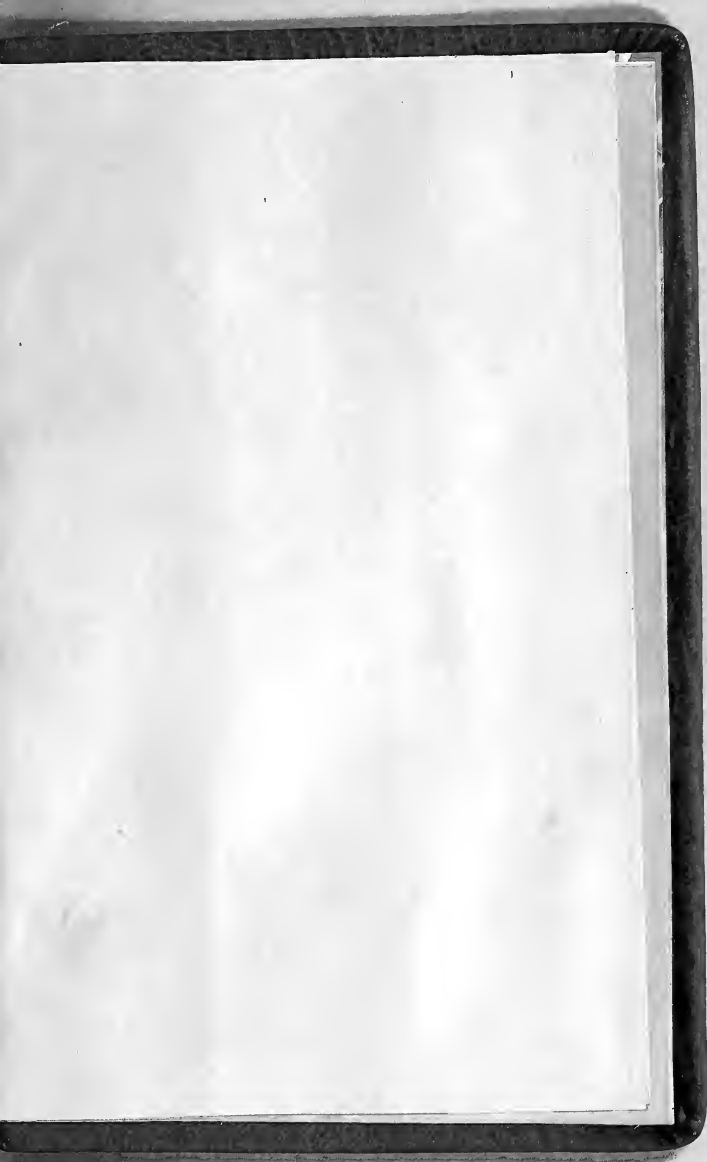
F po-

(*a*) O meio de que se servem as Naçoens industrias para communicarem com os Indios, tem sido multiplicar cada vez mais as suas necessidades, pelas quaes elles saõ forçados a communicarem-se com os seus vizinhos industriosos. He assim, que os Inglezes tiraõ toda a conveniencia dos Indios do Canadá; os Francezes das suas Americas &c.

povoação , que apôz outras se iriaõ formando sua boa educacção ; hum tracto mais civilizado ; a salvação de suas almas , que ignoraõ a luz do Evangelho por nascerem nas trevas do gentilismo ; naõ se consentindo por maneira alguma , que Cidades inteiras , cheias de Eccleziasticos tenhaõ a este respeito toda a indifferença sem o menor remorço.

§ LII.

E Stes objectos me parecem dignos de chegarem ao Augusto Throno de taõ Magnanimos Soberanos , pois pelos seus Ministros e Secretarios de Estado naõ promovem a Sciencia dos conhecimentos da Natureza , se naõ para fazer respectavel , e feliz a sua Monarchia , e attender ás nossas necessidades , e ás fortunas dos povos.



90-29

C786
L769d

3,250



